

SIMPÓSIO AT100

A morfologia lexical na literatura infantil de João Ubaldo Ribeiro

SANTOS, Denise Salim
UERJ
d.salim@globocom

Resumo: Este estudo tem como objetivo destacar a contribuição dos processos de formação de palavras na construção do discurso em “A vingança de Charles Tiburone” (1990) de João Ubaldo Ribeiro. Buscamos comprovar que o ludismo presente nas formações lexicais contribui para a instauração do humor presente na narrativa. Dá-se relevo aos processos de formação de palavras e suas implicações discursivas, com aporte teórico em Sandmann (1992), Monteiro (2002 e Gonçalves (2016). Consideram-se, também, os recursos gráficos como marcas próprias da oralidade trazidos à modalidade escrita da língua para a construção de sentidos. É observada a presença de termos estrangeiros, empregados como construtores do universo da ficção científica explorado na construção da narrativa. Observou-se que os processos de formação de palavras - estilística e discursivamente empregados como estímulo ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sobre a Língua Portuguesa, por meio da percepção e da sensibilização do leitor, a fim de que o ato de ler se torne mais sedutor, mais desafiador e, portanto, mais prazeroso.

Palavras-chave: Formação de palavras; Estilística; Humor; Ensino

Abstract: This study aims to highlight the contribution of the processes of word formation in the construction of the discourse in "A vingança de Charles Tiburone" (1990) by João Ubaldo Ribeiro. We try to prove that the ludismo present in the lexical formations contributes to the establishment of the humor present in the narrative. It is emphasized the processes of word formation and its discursive implications, with a theoretical contribution in Sandmann (1992), Monteiro (2002 and Gonçalves (2016). Graphical resources are also considered as orality's own brands brought to the modality The use of foreign terms, employed as constructors of the universe of science fiction explored in the construction of the narrative, has been observed, and it has been observed too that the processes of word formation - stylistically and discursively employed as a stimulus to development the ability to reflect on the Portuguese language through the perception and the sensitization of the reader, so that the act of reading becomes more seductive, more challenging and therefore more pleasurable.

Keywords: Word formation; Stylistic; Humor; Teaching.

Introdução

A escolha do livro em “A vingança de Charles Tiburone” (1990), de autoria de João Ubaldo Ribeiro justifica-se como proposta deste estudo por ser uma narrativa dirigida inicialmente ao público infantil e juvenil, ainda que discordemos da ideia de que, de fato, exista uma “literatura” especial para crianças e jovens, criando o pressuposto de que tal produção seja menos relevante ou desprovida dos recursos que a literatura “adulta” explora em sua produção.

O livro traz a história de um grupo de amigos que se envolve em uma aventura no fundo do mar. Crianças e seres marinhos interagem durante a narrativa. Segundo o autor, o esse livro de aventura surgiu após a vivência de uma narração despreziosa, construída inicialmente para distrair as crianças da família, à hora das refeições. Posteriormente, foi transformada em livro. A retextualização da modalidade oral para a escrita não eliminou do texto, porém, a expressividade da fala. Em várias passagens vemos o escritor buscando reproduzir hesitações, medos, surpresa, suspensão da fala, etc, com recursos variados da escrita tais como repetição/ alongamento de fonemas, pontuação, separação silábica nem sempre canônica:

- Seu nome não é Belarmino? Seu nome é Belarmino, na chamada da escola é Belarmino e sua vó chama você de Belarmino, Belarmiiiiino!(p.10)

- É...É... É o sss-se-nhor, o repres... O respr... _tentou perguntar Neneca, que ta

- Sss... ssomos de p-p-az – disse MINO com olhos fixos nas pinças.(p.82)

Estrangeirismos também estão nesse livro, e seu emprego não é gratuito. A admiração das crianças por super-heróis estrangeiros, tão presentes na mídia e no mundo virtual, se reflete na temática de festas, no vestuário de meninos e meninas, permanentes no imaginário infantil. Também aqui, João Ubaldo tem cuidados com o “registro fiel”, ou quase fiel, da oralidade na fala de suas personagens, oportunamente pelo exagero caricatural de tais pronúncias,

deixando no ar certa crítica ao excesso de “contaminação lexical” na busca de um “status” diferenciado:

Juva tinha mania de falar inglês, embora não soubesse nada (...). Depois veio a questão da pronúncia. Juva insistia que as palavras *danger people* tinham de ser pronunciadas com a boca torta, como os americanos falam no cinema “Dendgerr Pípio”
(...).Então cochichariam: ‘Deeendger piípio’(p. 8-9)

Também são fios semântico-discursivos da narrativa ubaldiana os fraseologismos, expressões cristaliadas como “botar os bofes bofes pela boca”, “dar palpite” entre outras, de caráter eminentemente popular, que facilitam a compreensão do texto pelo traço de tradição cultural que essas formulações carregam ao longo do tempo:

Os recursos linguístico-expressivos fazem parte da teia de sentidos de humor presentes no texto, mas aqui trazidos apenas para elencar alguns tratamentos que se podem dar a um texto quando se fala em leitura, interpretação, compreensão e trabalho com a língua e sua gramática.

Sigmund Freud (FREUD, 1997) enriquece a teorização sobre os estudos do humor estabelecendo a relação entre o cômico e humor: aquele não consegue existir em presença da dor, do sofrimento, ao passo que o humor atua exatamente como um substituto da geração de um sofrimento, ou seja, dando pouca importância a seus infortúnios, o indivíduo está apto a ver o lado “engraçado” da situação.

Quanto à funcionalidade do humor, uma das mais evidentes, à semelhança do cômico, está em seu papel de controlador social crítico. Como técnica de controle, é usado para as mais diversas manifestações de aprovação, desaprovação, para indicar hostilidade ou rejeição etc. Não é, no entanto, um recurso unilateral; é usado tanto pelos representantes do poder e da autoridade, quanto pelos demais grupos sociais, o que é bem mais frequente uma vez que o humor pode tornar-se instrumento de luta e de oposição.

Os textos impregnados de humor vêm forjados por situações ambíguas. Embora suscitem hilaridade, normalmente são motivados por alguma situação que irrita, inquieta a opinião pública, o que nos leva a crer que, através do humor, tenta-se destruir a realidade que não agrada. A justaposição de planos é fonte frequente desse tipo de efeito de sentido. Até porque as palavras não têm efeito exclusivo de produzir sentidos. Elas são manipuladas para chegar a esse objetivo.

E a temática explorada na narrativa não foge da função social que o humor exerce. Ainda que seja uma história “infantil”, ela não é estéril ideologicamente. “A vingança de Charles Tiburone” aborda questões como a influência estrangeira nos hábitos nacionais, de que o nome do grupo “Danger People”, o codinome de Juva (Danger Boy) e alguns equipamentos como o “danger games” são exemplos; a discriminação da mulher, no momento em que o grupo de meninos não admite a participação de Neneca e Quica no grupo, e estas se impõem a ele por habilidades pessoais: uma tem poderes mágicos e a outra tem um grito possante, destruidor; o golpe militar que Charles Tiburone – o general generalíssimo, truculento, violento - organiza contra o Presidente dos Barracudas; a discriminação racial entre siris e caxangás.

Um outro aspecto pertinente ao cômico e que se mantém no humor é o caráter lúdico. Eni Puccinelli Orlandi (1996, p.155), ao apresentar as características do discurso lúdico, reforça a proposta de aproximação entre o jogo e o cômico e, conseqüentemente, o humor, apontando o discurso lúdico como o uso da linguagem pelo prazer. Ressalta que, assim sendo, as funções da linguagem mais recorrentes seriam a poética e a fática *por causa respectivamente da maneira como se dá a polissemia e por causa da reversibilidade nesse tipo de discurso*. Assim, O aspecto lúdico do humorismo resulta em uso da linguagem pelo prazer; é a ruptura com o instituído. No lúdico, assim como no humor, a relação com a referência não importa, não é necessária: há espaço para o **nonsense**.

1. Processos de formação de palavras e humor

Perscrutaremos a veia humorística do autor como uma de suas marcas de estilo, em função da expressividade que certas formações de palavras assumem no texto. Lançando mão dessas estratégias no discurso, Ubaldo trata as coisas sérias tentando não macular a leitura prazerosa de seus escritos. É o deixar “*fruir por puro deleite*”.

Muitos dos vocábulos aqui selecionados resultam da adjunção de morfemas ao semantema, acrescentando-lhe significações acessórias ou, ainda, servindo para operacionalizar a mudança de uma classe ou subclasse gramatical para outra. A exploração do jogo de formas construídas a partir do acréscimo de afixos é o que percebemos ao ler “A vingança de Charles Tiburone”. Segundo levantamento realizado, o processo mais produtivo é a derivação sufixal. Discursivamente, destacam-se os sufixos diminutivos, aumentativos e superlativos que acrescentam sentidos diversos, apesar da identidade do processo e mesmo de morfemas empregados. Por exemplo, há derivações que denotam apenas dimensão do ser ou da qualidade do referente nas formações diminutivas e aumentativas

*Tinha água de chuva num **potinho** sem uso(...)* (p.24)

*Confusões, confusões, com Quica sendo levada por Neneca para trás de um **matinho** lá fora para fazer xixi.* (p.43)

No entanto, outras derivações diminutivas acrescentam sentidos conotativos aos enunciados onde aparecem:

intensificação: *Tudo igualzinho, igualzinho.* (p.91) / *Desta vez vamos segurá-lo direitinho(...)* (p.89);

afetividade: (...)*e o Presidente abraçando-os e enxugando uma **lagrimazinha** no canto do olho* (p.79);

ironia: *É, é. Muito boa pessoa – e a lagosta deu uma **gargalhadinha.***(p.54);

pejoratividade: Esse **gordinho** aí! O capitão Navalhinha manifestou o desejo de levar esse **gordinho** aí para um jantar na casa dele. (p.63) / *Não*

custava nada ir buscá-la, ele estava doido para ver o peru hipnotizado, lá todo espichadão (p.14)

Com valor hiperbólico são empregados os sufixos formadores de superlativo absoluto sintético:

*“Dêndgerr Píopio!” Mino achou a ideia **bestíssima** (p.8);*

*Juva se meteu, querendo botar o nome de danger Ship na nave e falando com a boca **entortadíssima** (p.9);*

Charles Tiburone que era também general, aliás generalíssimo, para não falar em almirante brigadeiro. (p.57).

Outra característica expressiva no uso da derivação nos textos de João Ubaldo, é a exploração de famílias lexicais que demonstram, sem sombra de dúvida, a habilidade do escritor em produzir, através da manipulação dos recursos morfológicos um toque de humor à narrativa:

peixe, peixinhos, peixões, peixal/.siri, sirizão, sirizal*, Siriópolis**

duende, duendístico, duendária*, duenderia**

barracuda, Barracudão, barracudana, barracudade**

Nas séries elencadas encontram-se vocábulos assinalados (*), que são exemplos de formações neológicas, excêntricas pelo inusitado do produto, mas plenamente em acordo com as RFPs e as RAEs. Mais neologismos foram identificados durante a narrativa. Uma explicação possível para justificar tantos neologismos pode ser o fato de uma das personagens ter imaginado uma nave submarina com altos recursos tecnológicos inovadores, futuristas. Novos fatos, novas realidades implicam novas nomeações. Daí os neologismos designativos como “iônico-ativada”, “sincrotrópico”, “super-refletores”, “monstrovídeo”, “transpsicotron”, “megadente”, etc. O cuidado vocabular reside no fato de que termos científicos implicam radicais gregos e latinos na construção do que chamo aqui de “neologismos terminológicos”, criados especialmente para compor o universo ficcional.

Dar voz a animais faz parte do imaginário infantil. Desta forma, peixes, tubarões, lagostas e siris são personagens que dialogam no texto, o que provoca a presença de onomatopeias, também neológicas, cuja característica

principal é a seleção de fonemas escolhidos - consoantes plosivas e vibrantes - quando se trata de expressar a insatisfação ou a raiva dos tubarões: *Glurb-glurb; Roorc; Gruorc Grrrr; Ruorrrg; Grrruc; Grrraak*.

TRACOMUPEMAMAR é uma sigla originada do *Tratado de Cooperação Mútua entre Peixes e Mamíferos Marinhos*. O recurso à siglagem como promotora de humor é um expediente encontrado com frequência nas crônicas de Ubaldo, portanto não causando estranhamento aparecer neste livro, cuja intenção inicial é divertir seus leitores. O escritor simplesmente reúne as sílabas iniciais de cada palavra sem se preocupar com a extensão ou com a eufonia do termo que é criado.

3. Considerações finais

Julgamos ter abordado os processos de formação de palavras mais significativos na construção do discurso do humor presente na publicação em estudo. Não desprezamos, porém, a ampliação do espectro vocabular com a análise de outras formas de uso cotidiano que no texto assumem altíssima expressividade principalmente pela sonoridade de certos formativos afixais, não ignorando também que a palavra se organiza semanticamente a partir da cumplicidade com outras unidades que compõem o enunciado. Porém, preocupamo-nos em apresentar as ocorrências mais produtivas na construção do discurso do humor na narrativa.

Um tema recorrente entre aqueles que têm como atividade o ensino de língua materna está voltado para a questão do trabalho com o texto literário ou não literário na sala de aula. Hoje tem-se quase em uníssono o discurso de que não há mais espaço para o texto existir apenas como pretexto para o desenvolvimento de atividades meramente identificadoras dos fatos gramaticais, com o que concordamos. Mas isto não quer dizer que se devam ignorar os elementos internos à língua que são explorados na construção do texto literário e, conseqüentemente, na construção do discurso literário e construindo a rede de sentidos que leva ao prazer da leitura.

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia construcional**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016

MENEZES, Eduardo Diatay. O riso, o cômico e o lúdico .In **Revista de Cultura Vozes**:Petrópolis,: n 1, 1974, p 5-14.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**.4 ed. São Paulo: Pontes,202

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical** São Paulo: Contexto, 1992.

SANTOS, Denise Salim. **Os processos de formação de palavras: a alquimia do riso nas crônicas jornalísticas de João Ubaldo Ribeiro**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.